

## Poluição socialista

Categories : [Eduardo Pegurier](#)

É comum em conversas sobre ambientalismo ouvir que o capitalismo é incompatível com a preservação. O que quase ninguém sabe é que o histórico de poluição socialista é bem pior, especialmente na União Soviética.

A China é um caso à parte. No passado de comunismo puro, muita terra agricultável foi destruída por más práticas. Agora, sua poluição industrial é um problema mundial. A China atual tem duas cabeças. Numa está o planejamento central e a autocracia comunista que faz o que quer e expropria quem quiser. Na outra, empresas privadas que puxam um crescimento espantoso. Talvez o país tenha misturado o pior dos dois sistemas: o dinamismo produtivo do capitalismo e a falta de direito individuais e de propriedade do comunismo.

Mas vamos a U.S.S.R. Em 1986, na Ucrânia, aconteceu Chernobyl, [o mais trágico acidente nuclear até hoje](#). Ele é um bom exemplo do descaso soviético com o meio ambiente e com seus cidadãos. Mais existem muitos outros.

O artigo “Environmental disaster in eastern Europe, [publicado em 2000 pelo Le monde diplomatique](#) diz o seguinte:

*Ao optar pelo desenvolvimento econômico através de uma industrialização a todo pano e agricultura intensiva, a União Soviética e os países da Europa Oriental mostraram pouco interesse pelo meio ambiente. A bacia do mar de Aral foi transformada em uma vasta plantação de algodão, enquanto atividades nucleares se concentraram no mar de Barents, apesar da fragilidade dos ecossistemas locais...*

(A crise) *Foi agravada por uma obstinada centralização que ignorou condições locais...*

Controle de poluição do ar, tratamento de água e modernização do aparato produtivo foram todos negligenciados. Grandes extensões de terra foram severamente danificadas pela coletivização da agricultura, e o uso maciço de irrigação causou vasta erosão e salinização do solo.

Políticos e cientistas aderiram ao princípio da biosfera “auto-purificável”...

Segundo o mesmo artigo, a situação no noroeste da Rússia é catastrófica. Áreas como a península de Kola e a ilha de Novaya Zemlya foram devastadas. O ar foi poluído por metalúrgicas e fábricas de celulose, assim como a maior parte das florestas locais destruída. O Mar de Berings foi usado como lixo para resíduos nucleares de usinas e testes militares.

A história do Mar de Aral é particularmente triste. Os problemas começaram na década de 20,

quando os planejadores soviéticos decidiram desviar as águas de dois dos seus principais afluentes, os rios Amu Darya e Syr Darya, para irrigação de terras desérticas. Em 1987, o lago, que já havia sido o quarto do mundo, tinha diminuído ao ponto de se dividir em dois, o Aral do Norte e o do Sul. O processo continuou e, hoje, ele já perdeu 80% do seu volume e três quartos do seu espelho de água. Em menor escala, mas ainda assim dramática, o mesmo está acontecendo com o Mar Cáspio.

[Em artigo de 1992, intitulado “Why socialism causes pollution”, Thomas Dilorenzo, economista americano francamente liberal cita outros exemplos do fenômeno.](#)

Na União Soviética, relata, a maioria das cidades não tinha rede nem tratamento de esgoto. O mais importante rio da Rússia e mais longo da Europa, o Volga, recebia esgoto in natura das cidades e efluentes tóxicos de centenas de indústrias às suas margens. Tudo isso desaguava no debilitado Cáspio, respondendo por metade da sua poluição.

O Mar Negro, por décadas, teve areia, cascalho e árvores livremente retiradas de suas margens para alimentar a construção civil. O resultado foi que a erosão destruiu metade da sua área costeira até o ponto em que desabaram casas, hospitais e hotéis próximos às margens.

Na Polônia, segundo a Academia Polonesa de Ciências, um terço dos 38 milhões de habitantes do país viviam em áreas de desastre ecológico. E 65% das águas do país eram impróprias até para uso industrial. Na antiga capital, Cracóvia, a chuva ácida destruiu o teto recoberto de ouro numa igreja do século XVI. Em Katowice, região industrial, a acidez corroeu as linhas de trem ao ponto de limitar a velocidade de tráfego a 40 km por hora.

Na antiga Checoslováquia, o excesso de uso de fertilizantes criou uma grossa camada de solo tóxico em amplas áreas rurais. Na região da Boêmia, a poluição do ar era tão ruim que causou desflorestamento maciço. A concentração de dióxido de enxofre no país era oito vezes maior que a americana. Na Alemanha Oriental, em Leipzig, metade das crianças era tratada, todo ano, de doenças advindas da poluição do ar.

Por ironia, o colapso do comunismo e a recessão que o seguiu levou de roldão as indústrias e reduziu a poluição. Foi por isso que a Rússia não hesitou em assinar Kyoto.

Di Lorenzo prossegue com uma comparação interessante. O setor público americano também tem um histórico ambiental vexatório. O pior exemplo vem do Departamento de Defesa, um dos maiores poluidores do país e, mesmo assim, livre das regulações da EPA (Environmental Protection Agency). O mesmo caso ocorreu com usinas de energia federais. No sul do país, onde a Tennessee Valley Authority operava 59 usinas, os estados se rebelaram e exigiram aderência às leis ambientais locais. Perderam o processo. A suprema corte isentou o governo federal de seguir as leis estaduais.

A situação no Brasil parece a mesma. Grandes estatais, como (foi) a CSN ou a Petrobrás nunca foram exemplos de preservação ambiental. Na esfera municipal, os lixões espalhados pelo país são uma vergonha. E a atual briga pelas hidroelétricas do rio Madeira mostra que o governo federal torce o braço até das suas próprias agências para privilegiar a indústria e o crescimento econômico.

Por que a performance ambiental do socialismo e de empresas estatais costuma ser tão desastrosa?

Ao invés de uma longa teorização, talvez a seguinte brincadeira ajude a entender a questão. Sabe qual é a diferença entre empresas estatais e privadas? O governo só consegue controlar as últimas.